

## **A psicopatologia na visão fenomenológica e a medicalização da existência na atualidade**

### **Psychopathology in phenomenological vision and medicalization of existence today**

DOI:10.34117/bjdv8n5-195

Recebimento dos originais: 21/03/2022

Aceitação para publicação: 29/04/2022

#### **Soraya da Nóbrega Lellys Burkhardt**

Graduada em Psicologia

Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (UNIESP)

Endereço: Rodovia BR 230 Km 14 s/n Morada Nova, Cabedelo - PB, CEP: 58109-303

E-mail: psisorayaclinica@gmail.com

#### **Marília Araújo Reul**

Graduada em Psicologia

Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (UNIESP)

Endereço: Rodovia BR 230 Km 14 s/n Morada Nova, Cabedelo - PB, CEP: 58109-303

E-mail: mariliareul05@gmail.com

#### **Maria Victoria Reis de Vasconcelos**

Graduada em Psicologia

Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (UNIESP)

Endereço: Rodovia BR 230 Km 14 s/n Morada Nova, Cabedelo - PB, CEP: 58109-303

E-mail: reisvictoria97@gmail.com

#### **Élida Batista Vieira Sousa Cavalcanti**

Docente em Psicologia

Faculdades de Medicina e Enfermagem Nova Esperança (FAMENE)

Endereço: Av. Frei Galvão, 12 - Gramame, João Pessoa - PB, CEP: 58067-698

E-mail: elidabvs@gmail.com

#### **Olívia Dayse Leite Ferreira**

Docente em Psicologia

Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (UNIESP)

Endereço: Rodovia BR 230 Km 14 s/n Morada Nova, Cabedelo - PB, CEP: 58109-303

E-mail: oliviadayse@yahoo.com.br

#### **Kay Francis Leal Vieira**

Docente em Psicologia

Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (UNIESP)

Endereço: Rodovia BR 230 Km 14 s/n Morada Nova, Cabedelo - PB, CEP: 58109-303

E-mail: kayvieira@yahoo.com.br

**Maria Denise Leite Ferreira**

Docente em Psicologia

Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (UNIESP)

Endereço: Rodovia BR 230 Km 14 s/n Morada Nova, Cabedelo - PB, CEP: 58109-303

E-mail: denisecaiiana@yahoo.com.br

**Aleson Pereira de Sousa**

Doutor em Desenvolvimento e Inovação Tecnológica de Medicamentos (DITM)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Endereço: Campus I Lot. Cidade Universitaria, PB, CEP: 58051-900

E-mail: aleson\_155@hotmail.com

**RESUMO**

O fenômeno da patologização sob o olhar da medicalização na contemporaneidade tem sido um indicador negativo ao indivíduo enquanto pessoa-pensante nos diferentes espaços do cotidiano. Ademais, tal condição pode comprometer nos sentidos e significados de suas experiências, roubando-lhe a liberdade e a própria responsabilidade. Essa ordem discursiva, resultante de um discurso biomédico, leva-se à prática da medicalização frente às adversidades da vida, gerando, pois, o que se denomina de angústia existencial. A problemática envolvida no presente artigo foi: Como a medicalização pode afetar os fenômenos existenciais do homem? Para isso, objetivou-se descrever acerca da Psicologia Fenomenológica-Existencial agregada à Medicalização da Existência, levantar reflexões quanto ao uso injustificável (abusivo) dos psicofármacos e a sua relação com a indústria farmacêutica. Tratou-se de um estudo exploratório, a partir dos métodos de uma revisão integrativa da literatura das seguintes bases de dados: LILACS, PEPSICO e Google Acadêmico; em artigos indexados nos últimos 12 anos. Dos 20 trabalhos selecionados, concluiu-se que a visão fenomenológica contempla o homem como ser singular e pluridimensional em um mundo cheio de sentido, e que o sofrimento humano é concebido a partir da privação da realização da liberdade existencial, que quando presos a uma perspectiva negativa de sua própria existência, adoecem, passando a apresentar uma visão distorcida de si. Os psicofármacos aparecem como solução rápida e prática às suas problemáticas, tratando como doença o que é normal à existência. A visão fenomenológica da psicopatologia e a medicalização da existência, representam conhecimentos estruturantes a um novo saber acerca do sofrimento humano e a relação com a existência, em prol de um olhar ressignificado.

**Palavras-chave:** visão fenomenológica, psicopatologia, medicalização, existência.

**ABSTRACT**

The phenomenon of pathologization from the point of view of medicalization in contemporary times has been a negative indicator of the individual as a thinking person in the different spaces of daily life. Furthermore, such a condition can compromise the senses and meanings of their experiences, robbing them of their freedom and their own responsibility. This discursive order, resulting from a biomedical discourse, leads to the practice of medicalization in the face of life's adversities, thus generating what is called existential anguish. The problem involved in this article was: How can medicalization affect the existential phenomena of man? For this, the objective was to describe about the Phenomenological-Existential Psychology added to the Medicalization of Existence, to raise reflections on the unjustifiable (abusive) use of psychotropic drugs and its relationship with the pharmaceutical industry. It was an exploratory study, based on the

methods of an integrative literature review of the following databases: LILACS, PEPSICO and Google Scholar; in articles indexed in the last 12 years. Of the 20 selected works, it was concluded that the phenomenological view contemplates man as a singular and multidimensional being in a world full of meaning, and that human suffering is conceived from the deprivation of the realization of existential freedom, which when stuck to a perspective negative of their own existence, they get sick, starting to present a distorted view of themselves. Psychotropic drugs appear as a quick and practical solution to their problems, treating as a disease what is normal to existence. The phenomenological view of psychopathology and the medicalization of existence represent structuring knowledge to a new knowledge about human suffering and the relationship with existence, in favor of a resignified look.

**Keywords:** phenomenological view, psychopathology, medicalization, existence.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Ivan Illich, em sua obra “*A Expropriação da Saúde: nemesis da medicina*” publicado em 1975, se cunhou o termo “medicalização da vida”. Na mesma obra o autor diz: “A empresa médica ameaça a saúde, a colonização médica da vida aliena os meios de tratamento, e o seu monopólio profissional impede que o conhecimento científico seja partilhado” (ILLICH, 1975, p. 1).

Para o autor supramencionado, há uma estrutura social e política que se aproveita usando como desculpa a doença e assim, produzir pessoas desejantes deste tipo de terapêutica. A medicina passa então a ultrapassar os limites dessa prática da medicalização, tornando-se um instrumento de interesse político e recebendo apoio de várias classes de seguimento profissional como os médicos, professores, laboratórios entre outros; que engessam a consciência do corpo, produzindo uma dependência somada à necessidade de ser assistida e cuidada continuamente por esse tipo de tratamento. (ILLICH, 1975; MADRUGA *et al.*, 2019).

A medicalização para vários estudiosos, seria o resultado de inúmeros problemas que o ser humano apresenta, como a loucura, o uso abusivo do álcool, as drogas, quadros de hiperatividade infantil, obesidade, uso de jogos e, inclusive, aqueles que antes eram vistos como problemas de ordem espiritual, moral ou legal. O processo de medicalização tornou-se uma indústria de resistências sociais, que só a medicina teria “competência para resolver”, mantendo assim, o controle e o poder mandatário sobre a sociedade que aceita tranquilamente sem questionar esse monopólio, diminuindo qualquer força contrária a esse movimento biomédico (HENRIQUES, 2012; WHO, 2020).

A psicopatologia, na visão fenomenológica, é examinada pelos campos de estudo da psicologia e da psiquiatria na busca de compreender de forma diferente a ideia de doença. Esse é um campo de conhecimento extremamente carente de aprofundamento, em detrimento à nosologia; que é de uso exclusivo da medicina, que descreve, estuda e classifica as doenças, inclusive as doenças psiquiátricas (KARWOWSKI, 2015).

Para Silva (2019) e Zorzanelli *et al.*, (2014) a produção científica na área da saúde mental e o processo saúde-doença tem sido um dos basilares campos de investigação, além de revelar estudos que apontem outros olhares na forma do viver, do existir e do acolher às necessidades do homem. Para conduzir esse processo investigativo se propôs a seguinte questão norteadora: “Como a medicalização pode afetar os fenômenos existenciais do homem?”

Para isso, objetivou-se descrever acerca da Psicologia Fenomenológica-Existencial agregada à Medicalização da Existência, levantar reflexões quanto ao uso injustificável (abusivo) dos psicofármacos e a sua relação com a indústria farmacêutica.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O NASCIMENTO DA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA

A Fenomenologia nasceu através de Edmund Husserl, em um período de crise da subjetividade, das ciências e da cultura na Europa. Husserl criticou o objetivismo científico por não considerar o humano do ser e sua existência no mundo, considerando que o objetivismo científico estaria perdendo a postura ética, dispensando a pessoa de uma posição que era sua, para uma onde deve ser o que se espera dele. A ciência fenomenológica coloca o homem como centro, promovendo novas reflexões para a relação ciência e humanidade (HOLANDA, 2011).

A ciência fenomenológica é um fundamento essencial, para entender a experiência de mundo e do outro na pessoa, por considerar o modo de ser de cada um no mundo, da forma onde cada um vivencia suas experiências individualmente e em várias outras formas coletivas do existir do humano (DONZELLI, 1980).

Para Husserl, a fenomenologia seria um instrumento para a reflexão filosófica, “um método” para trazer rigor de ciência, às demais ciências empírico-físicas e naturais, seu objetivo foi fundamentar um método único até então, que não deixasse qualquer dúvida da sua confiabilidade, de um entendimento claro e de uma necessidade de como apreender os fenômenos na forma natural, original, sem qualquer alteração, exatamente

como ele vem da consciência do sujeito em sua forma “pura”, ou seja, exatamente como é vivenciada a experiência (ROMERO, 1997).

O método fenomenológico tem como centro a experiência vivida pelo sujeito, buscando “o acontecimento experiencial” e suas expressões na forma objetiva/subjetiva. A fenomenologia buscou saber como esses fenômenos se manifestavam, qual o significado e o sentido que os mesmos têm para a pessoa, como ele era apreendido. Isso se dá através do que a teoria chama de descrição fenomenológica, que não significa dizer que os aspectos objetivos não sejam levados em consideração (HUSSLERL apud Tenório (2003).

## 2.2 A PSICOPATOLOGIA NA VISÃO FENOMENOLÓGICA

A psicopatologia fenomenológica nasceu formalmente e objetivamente no dia 25 de novembro de 1922, na 63ª Sessão da Sociedade de Psiquiatria, na cidade de Zurique, em um estudo apresentado por Minkowski, sobre um caso de melancolia esquizofrênica (HOLANDA, 2011).

O conhecimento fenomenológico acerca da psicopatologia, tem por objetivo focar o olhar para a vida da pessoa no mundo, com ênfase nos significados, diferenciando a compreensão de “ser patológico e condição patológica”. Assim, a Fenomenologia promoveu fortes críticas a força do controle psiquiátrico. A psicopatologia na visão fenomenológica-existencial, nasceu com a publicação de Karl Jaspers, intitulada *Psicopatologia geral*, no ano de 1913 (TENÓRIO, 2003).

A perspectiva da psicopatologia fenomenológica-existencial se baseou na figura de homem segundo Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Ortega e Buber. Para tais autores, o conceito de homem é de um “Ser pluridimensional, livre, inserido em um mundo dotado de sentido particular, aberto às suas possibilidades, consciente de sua finitude e de sua responsabilidade perante suas escolhas.” (TENÓRIO, 2003, p. 37).

Partindo desta compreensão, a psicopatologia se manifesta a partir do sofrimento humano, onde a pessoa sente que é vítima de uma vida privada de realizações, contemplando um futuro tenebroso, no qual não tem liberdade de escolha, prisioneiro das problemáticas da sua vida, sentindo-se impotente e sacrificado, alienado diante de uma realidade inevitável. Desta forma, a pessoa vai perdendo o contato com si mesmo e as possibilidades que existem entre ele e o mundo, apresentando uma visão distorcida de si, do outro e de mundo (TENÓRIO, 2003).

Na história das ciências psicológicas e psiquiátricas se estabeleceram as noções de psicopatologia e não proporcionaram até a atualidade uma diminuição das doenças mentais, e muito menos geraram uma perspectiva única que conseguisse dar conta da diversidade que o ser humano apresenta, assim como sua compreensão plena, até por estar presente unicamente na base epistemológica de cada uma, que dirige uma busca permanente sobre a doença mental. O modelo hegemônico biomédico de ciência, traz a predominância da psicopatologia apresentada nos DSMs -Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, que segundo o autor, são adotados sistematicamente por psicólogos e psiquiatras comprometidos com uma rigidez técnica, compreendendo apenas “um conhecimento” de psicopatologia, o que não condiz com a realidade (KARWOWSKI, 2015).

### 2.3 A MEDICALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

A medicalização é caracterizada como um processo pelo qual, problemas não-médicos são tratados como problemas médicos, e chamados de doenças. Com ele mantém-se o paradigma biomédico, predominante nas sociedades ocidentais, segundo o qual a saúde é entendida como ausência de doença. Esse modelo é centrado no individualismo e na tecnologização do processo de adoecer (BEZERRA, *et.al.* 2014).

A medicalização tem sido alvo de inúmeras investigações nas últimas décadas. O termo, no entanto, apresenta uma significação plural, da qual emergem diferentes sentidos, tais como: práticas massivas de intervenção médica, transformação de comportamentos transgressivos e desviantes em transtornos médicos, forma de controle social e imperialismo médico (ZORZANELLI, ORTEGA, BEZERRA JÚNIOR, 2014). Não obstante, de modo geral, a medicalização tem sido caracterizada segundo um processo patologizante no qual problemas de ordem não médica passaram a ser submetidos a intervenções medicamentosas (CONRAD, 2007).

No mundo contemporâneo se impera a racionalidade e ela atravessa à subjetividade humana, se fazendo necessário cuidar através de políticas públicas, promoção, prevenção e tratamento da saúde. Entende-se que a medicalização pode configurar uma prática de controle social de cunho autoritário, onde tais práticas sejam elas medicalizadoras ou não. Além disso, não deveriam ser entendidas e trabalhadas em uma visão simplista, pois tratam de assegurar direitos e possibilidades a partir da produção de saúde. Como categoriza Lemos (2019, p. 159) “Desse modo, não se trata de

ser contrário à medicalização, em uma lógica binária de oposição de ser contra ou a favor de”.

Na abordagem fenomenológica-existencial a forma como se trabalha o diagnóstico é completamente diferente das demais, ela reconhece o cliente com a patologia, mas não o rotula pelo diagnóstico de doença que carrega, trabalha auxiliando a pessoa a se perceber com o diagnóstico recebido e como é capaz de lidar com essa realidade. “Estabelecer o diagnóstico para a fenomenologia-existencial é identificar em que ponto de sua existência o sujeito se encontra e que significados ele atribui a si e ao mundo” (ARAÚJO, 2010, p. 320).

Na clínica psicológica de abordagem fenomenológica-existencial, o psicólogo não assume posição de comando do processo, determina ou se posiciona com relação a nada que se trouxe ao processo, experiências, vivências, decisões, porém sua participação se torna decisiva para que se abram novos espaços há possibilidades antes não elaboradas venham a existir. (FEIJOO, 2015).

Sendo assim, conforme Araújo (2010, p. 322) “Uma boa descrição diagnóstica não é apenas uma categorização, mas traz informação facilitando a compreensão da estrutura psicológica do cliente, fazendo com que o terapeuta não fique apenas no diagnóstico em si e na melhor teoria para aplicá-lo”. Logo, o diagnóstico deve ser realizado com base em uma estrutura onde se perceba o todo, sendo fruto de uma construção entre psicólogo e cliente, em um espaço de respeito mútuo, podendo realizar-se avaliações e categorizações desde que de forma respeitosa e ponderada, com consciência ampla e completa do processo.

#### 2.4 A PSICOFARMACOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Os medicamentos utilizados para tratar os transtornos psiquiátricos configuram-se entre as classes de agentes farmacêuticos mais prescritos. Os psicofármacos são substâncias químicas, naturais ou sintéticas, que quando introduzidas no organismo podem modificar de várias maneiras o comportamento mental, excitando, deprimindo ou provocando perturbações. Seus efeitos sofrem influências de diversos fatores, como características individuais, estados patológicos e o padrão de uso São indicados para o tratamento de diversas enfermidades e podem causar dependência física e/ou psíquica, além de contribuírem para a ocorrência de eventos adversos aos usuários (FONTANA, 2005; BALAYSSAC et al., 2018).

O uso de psicofármacos no tratamento dos transtornos mentais, a partir dos anos 50, mudou radicalmente a falta de perspectivas que até então prevalecia no campo da psiquiatria e da saúde mental, provocando uma ampla reformulação das concepções e práticas vigentes, de tal forma que na atualidade, conhecer os medicamentos existentes, as evidências que embasam seu uso, são essenciais para um efetivo trabalho nestas áreas, mesmo para aqueles profissionais que se dedicam preferentemente à prática psicoterápica (FONTANA, 2005; MADRUGA et al., 2019).

Os psicofármacos podem modificar de diversas maneiras o comportamento mental, seja estimulando, deprimindo ou causando perturbações. Os efeitos terapêuticos dos mesmos são previsíveis e controláveis na maioria das vezes por interferência na neurotransmissão sináptica ou sobre as enzimas intraneurais (FONTANA, 2005). Os mais utilizados são: ansiolíticos e hipnóticos, antidepressivos, estabilizadores do humor, anticonvulsivantes e antipsicóticos ou neurolépticos. No entanto, pode-se considerar que essa classificação apresenta limitações e é, em certo ponto, arbitrária, pois os psicofármacos de uma classe podem ser utilizados para tratar sintomas psiquiátricos atribuídos à outra classe (SADOCK; SADOCK; SUSSMAN, 2013; CORDIOLI, 2015; BARROS et al., 2020).

Percebe-se na atualidade que as pessoas são constantemente impulsionadas a resolver os problemas pessoais e sociais utilizando medicamentos, seja como uma tentativa de fuga da realidade, para aliviar o sofrimento físico e/ou mental experimentados, induzir euforia, alterar estados mentais e, até mesmo, para aumentar o desempenho físico, desconsiderando a complexidade da vida humana, e, transformando por vezes algo normal em patológico. De forma que o fármaco passa a ser visto como um meio rápido para a resolução de problemas de diversas origens (PHILLIPS, 2013; WARNER et al., 2016; BRASIL, 2019).

A automedicação é conceituada como o uso de medicamento sem prescrição, orientação e/ou acompanhamento por um profissional médico ou dentista, ou seja, sem o aconselhamento do profissional de saúde qualificado para determinada função. Isso é uma prática comum, vivenciada por várias civilizações, com características peculiares a cada época e a cada região este comportamento varia também entre grupos etários e entre os gêneros (OPALEYE et al., 2014; BRASIL, 2019).

Assim, considerando-se os riscos associados ao uso de psicofármacos e a possibilidade de ocorrência de iatrogenias, as quais podem ocasionar eventos graves aos usuários, é necessário realizar estudos sobre a utilização de medicamentos, com o intuito

de gerar hipóteses associadas ao aumento do consumo e, assim, contribuir para o seu uso seguro e apropriado (CRUZ et al., 2020).

### 3 METODOLOGIA

O estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura. Sua classificação com relação à qualidade metodológica se configura como uma estratégia de pesquisa, que permite a identificação de estudos relevantes sobre um determinado tema, com a finalidade de reunir e apresentar fontes de informação científicas publicadas na comunidade científica sobre um tema investigado (FERREIRA *et al.*, 2020).

A partir da revisão integrativa sobre a psicopatologia na visão fenomenológica e a medicalização da existência na atualidade explorando a seguinte questão norteadora: “Como a medicalização pode afetar os fenômenos existenciais do homem?”, obteve-se publicações capazes de ampliar a análise nesse campo de pesquisa. Para tanto, o estudo foi operacionalizado de acordo com a metodologia de Souza, Silva e Carvalho (2010), obedecendo as seguintes etapas:

- a) Elaboração da pergunta norteadora (Como a medicalização dos indivíduos afeta os fenômenos existenciais apresentados pelo humano?);
- b) Busca na literatura (coleta de dados/informações);
- c) Análise crítica dos dados dos estudos incluídos;
- d) Integração dos dados (discussão dos resultados);
- e) Apresentação dos resultados da revisão integrativa.

Para o levantamento dos artigos na literatura, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PEPSICO e Google acadêmico. Foram utilizados, para busca dos artigos, os seguintes descritores e suas combinações nas línguas portuguesa e inglesa: “Psicopatologia”/ Psychopathology, “fenomenologia existencial”/Existential Phenomenology, “Medicalização da Existência”/ Medicalization of Existence, termos cadastrados no site DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e combinados com o operador booleano AND.

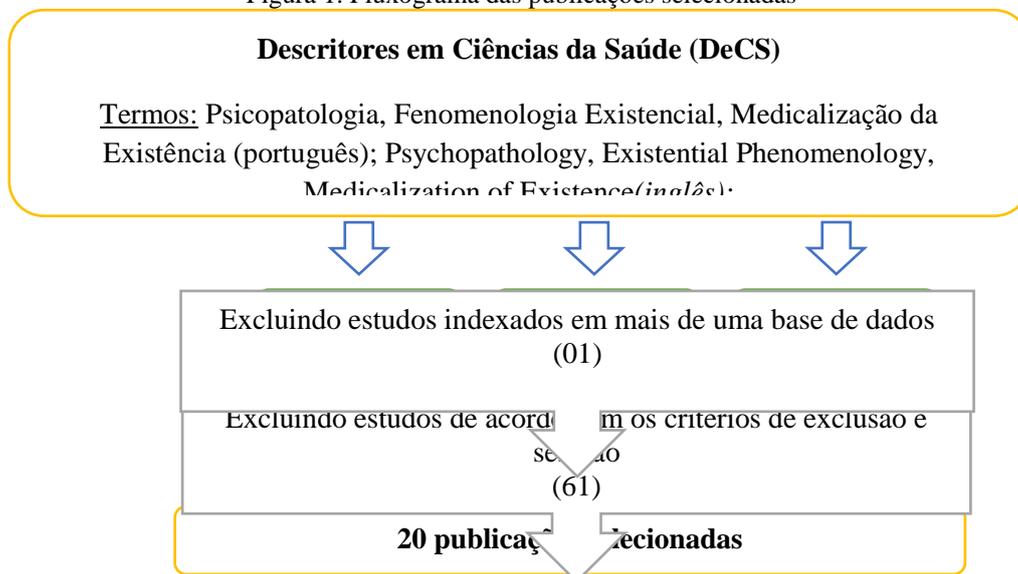
A seleção desse processo de inclusão e exclusão foi realizada por meio da leitura do título e do resumo de cada publicação, visando à apresentação de respostas à questão norteadora e à aplicabilidade metodológica da pesquisa (figura 1).

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos/trabalhos publicados em português, inglês; artigos na íntegra de qualquer

delineamento de pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa que retratassem a temática referente à revisão integrativa e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados no período de 2009 a 2021. Nesse processo foram identificados 82 artigos que, após análise, resultou em amostra composta por 20 estudos, sendo 03 na LILACS, 06 no PePSIC e 11 no Google Acadêmico.

Como critérios de exclusão foram descartados os estudos que se encontravam repetidos nas bases de dados, que não pertenciam aos anos definidos, bem como estudos que não abordassem a temática. Para a análise dos artigos, foi adaptado um instrumento previamente validado por Ferreira *et al.*, (2020). Nele especificam-se os seguintes itens: a) tipo de estudo; b) autor (es) e ano da publicação; c) objetivos; d) resultados.

Figura 1. Fluxograma das publicações selecionadas



Fonte: BURKHARDT, 2021.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo rigorosamente os critérios de inclusão e exclusão, a amostra que compôs a revisão integrativa foi de 20 publicações, conforme constata-se na Figura 1. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva e os estudos foram reunidos por similaridade de conteúdo, como mostra abaixo o quadro 01, onde podem-se identificar os títulos, tipo de estudo, objetivos, resultados relevantes ao tema da revisão.

Quadro 1 - Síntese dos trabalhos encontrados segundo títulos, autores/datas, tipo de estudo, objetivos, resultados relevantes.

Título	Autor/data	Tipo de estudo	Objetivos	Resultados
Fenomenologia do corpo vivido na depressão	BLOC, L., 2015.	Estudo de campo. Método fenomenológico crítico.	Compreender a experiência de corpo vivido na depressão, tendo como base teórica a lente fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty e a psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian.	Os sujeitos colaboradores a experiência vivida da depressão restringe suas possibilidades da existência a partir do que é experienciado no corpo, alterando a relação consigo e com mundo. Investigar a experiência vivida do corpo deprimido contribui para uma compreensão do fenômeno da depressão como expressão da existência do sujeito, possibilitando a criação de estratégias de tratamento e prevenção convergente com tais experiências.
O método fenomenológico de investigação e as práticas clínicas em Psicologia	COLPO, M. R., 2013.	Revisão bibliográfica	Demonstrar o método de investigação fenomenológico proposto por Martin Heidegger (1889-1976)	A prática clínica sustentada pelo método de fenomenológico de investigação, pela ontologia de Heidegger entre outras contribuições do pensador. Neste artigo defenderemos a possibilidade de se sustentar uma prática clínica psicológica por meio de um método.
Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da Gestalt-terapia.	GALLI, L. M. P., 2009.	Revisão bibliográfica	Compreender o comportamento das pessoas, muito além do fenômeno isolado.	Somos profissionalmente tomados pela compulsão do “orientar”, “do resolver”, “do salvar”, “do curar”, “do educar” e com isso tiramos a oportunidade da pessoa encontrar seu próprio caminho, além de vislumbrar soluções possíveis. Para nós, cura não é solucionar problemas, mas entrar em contato consciente com o sábio, que cada um tem dentro de si e, a partir daí, realizar o que esse sábio decidir.
Da recusa à demanda de diagnóstico: novos arranjos da medicalização	POMBO, M. F., 2017.	Revisão bibliográfica	Analisar como se deu o processo de medicalização do sofrimento no século XIX e o que mudou na passagem à contemporaneidade	Contribui para a desestigmatização da doença mental e para a modificação da função do diagnóstico, que reconhece e legitima um sofrimento.
Heidegger: em busca de Sentido para a Existência Humana	BRAGA; FARINHA, 2017.	Revisão bibliográfica	Aborda alguns dos principais temas da fenomenologia existencial de Martin Heidegger, tendo como fio condutor o conceito de existência.	Compreende-se o Dasein enquanto marcado pela indeterminação ontológica, que o situa em uma condição de cuidar de ser si mesmo a cada momento em que é. É nessa perspectiva que o cuidado figura como existencial, referindo-se tanto ao ser-com-outros e à ocupação com o mundo quanto às próprias possibilidades de ser.
Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em psicologia.	FEIJOO; MATTAR, 2016.	Revisão bibliográfica e documental	Colocar em análise essa forma de compreensão,	Encontramos um radical desencontro da Psicologia fenomenológico-existencial com a existencial-humanista, que impede definitivamente que ambas sejam

			apresentando suas origens histórico-filosóficas, influências e, conseqüentemente, suas diferenças e singularidades.	consideradas o mesmo com diferentes denominações.
A Decisão de Tentar o Suicídio sob a Lente Fenomenológico-existencial Sartriana	MING-WAU, <i>et al.</i> , 2020.	Pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica	Compreender a experiência vivida da decisão de tentar o suicídio.	A tentativa de suicídio é uma forma de escapar de situações de infortúnios, conflitos, desamparo, desespero, angústia e sofrimento, quando os participantes foram convocados a escolher, como uma expressão da liberdade ontológica, entre suportar os malogros existenciais e decidir dar cabo de suas vidas.
Um Caminho com Sartre: Apropriações de seus Métodos para uma Clínica Fenomenológica-Existencial	SOUZA, R., 2020	Revisão bibliográfica	Apresentar a caminhada metodológica, ensaiando diálogos com o campo da psicoterapia fenomenológica-existencial	O estudo do método progressivo-regressivo, em adição à Psicanálise Existencial, cujas relações com o campo da clínica parecem mais evidentes, permite a constituição de um fazer que não recaia em uma prática interpretativa ou explicativa.
A medicalização da existência segundo a fenomenologia de Merleau-Ponty	SANTOS <i>et al.</i> , 2018.	Revisão bibliográfica e documental	Discutir a medicalização da existência segundo a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, considerando sua noção de corpo próprio.	O pensamento do filósofo revela uma noção de corpo e psiquismo, os quais não se reduzem ao entrecruzamento de causalidades físico-químicas.
O DSM-5 e suas implicações no processo de medicalização da existência.	RESENDE; PONTES, 2015.	Revisão bibliográfica e documental	Discutir as implicações de algumas novas categorias diagnósticas propostas pelo DSM-5, no que tange, principalmente, ao fortalecimento do movimento de medicalização da existência.	A lógica de transtorno do DSM está pautada numa disfunção pessoal baseada no desvio de uma norma social, uma alteração da ordem que deve ser restituída.
Medicalização da vida: sobre o processo de biologização da existência.	FERREIRA, M.S., 2017	Pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico.	Propõe uma breve análise sobre o processo de medicalização da sociedade.	A medicalização é um fenômeno complexo, que ocorre há mais de duzentos anos, e que sofreu transformações durante esse período, até chegar ao cenário atual de vulgarização do consumo de medicamentos. Esse fenômeno está inserido no contexto de uma sociedade capitalista, responsável por permitir que a medicação possa atuar como uma ferramenta do biopoder, no

				controle e na normatização dos indivíduos.
Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea.	SILVA; CANAVÊS 2017	Revisão bibliográfica	Busca analisar as demandas contemporâneas endereçadas à clínica e sua relação com a cultura de medicalização da vida.	Desconsidera-se a valorização da singularidade e corrobora-se para a manutenção de uma cultura que parece só poder ser descrita através dos artifícios científicos e psicofarmacológicos. Caminhando na contramão dessa tendência, espera-se que a articulação de uma visão histórica à realidade vivida atualmente na clínica psicológica possa contemplar uma prática pautada na ética do cuidado e não na esperança da solução mágica frequentemente midiaticizada.
Medicalização da queixa escolar e o uso de psicofármacos como resposta à questões comportamentais	SILVA; RODRIGUES; MELLO, 2018.	Estudo de campo Método fenomenológico crítico.	Investigar o uso de psicofármacos em crianças com queixa escolar.	A pesquisa realizou um levantamento que tornou possível identificar e rastrear a presença de diagnósticos e uso indeterminado de psicofármacos em crianças em decorrência de queixas comportamentais, com o intuito de investigar a possível apropriação das instituições escolares dos discursos medicalizantes e, conseqüentemente, os diagnósticos e terapêuticas biomédicas para questões escolares.
A Medicalização do cotidiano como supressão da iniciativa.	FARIA; FERREIRA; PINTO, 2020.	Revisão bibliográfica e documental	Apresentar as diversas perspectivas sobre o processo de patologização da vida.	Discorremos sobre a medicalização à vida inclusos nos processos de adoecimento e saúde, possibilitando um pensamento mais crítico e recorrendo à alternativas e estratégias para um viver menos nocivo ao humano e sua existência que vem sendo patologizada e conseqüentemente desumanizada.
Sofrimento humano e medicalização: considerações para a clínica psicológica	SILVA, E. F. G. 2017.	Revisão bibliográfica e documental	Contextualizar o sofrimento e a medicalização na contemporaneidade.	Realçamos que, ao ir se revelando a insuficiência da ação técnica científica em termos de representações diagnósticas e intervenções predominantemente medicamentosas para acolher o sofrimento, ressaltamos a importância de pensar a ação clínica como um modo de acompanhar/disponibilizar-se ao outro.
Medicalização da Sociedade e suas relações com a indústria Cultural.	VERGÍLIO; RIBEIRO, 2020	Revisão bibliográfica e documental	Refletir sobre as relações existentes entre o fenômeno da medicalização na sociedade e o conceito de Indústria Cultural, por meio da análise de artigos, livros, documentos, filmes/documentários e música.	O medicamento é divulgado e vendido enquanto alternativa para a redução do sofrimento psíquico e físico; contexto que precisa ser combatido para uma melhor problematização dos mecanismos de controle social para continuar na construção de uma conscientização sobre os problemas individuais e sociais, que precisam ser entendidos perante aos interesses econômicos de específicos grupos sociais.

O Imediatismo frente ao sofrimento psíquico	BRITO; SILVA, 2019.	Revisão sistemática	Descrever os motivos da busca por psicofármacos frente as problemáticas emocionais.	Os psicofármacos são de extrema importância para o tratamento de diversas patologias, porém a sociedade encontra-se desajustada sobre a forma como os compreende e principalmente sobre o seu consumo.
O Alienista: possíveis articulações entre a obra Machadiana, a hegemonia da ciência e a medicalização da vida.	NEGREIROS; PRESTES, 2021.	Revisão bibliográfica	Expor a obra machadiana em sua crítica sobre a loucura e a sanidade, refletindo, sobretudo, o lugar social que a figura do médico ocupa, além de pensar o modelo de internação manicomial como estratégia de emudecer a subjetividade humana.	Mesmo com a proposta de declínio dos hospitais psiquiátricos, as subjetividades continuam sendo silenciadas com o uso dos psicofármacos na busca de se esquivar daquilo que faz parte da condição humana: o sofrimento.
Arquitetando novas subjetividades: Tecnologias médicas e corpos dóceis	SANTOS, T. A., 2020.	Revisão bibliográfica	Refletir criticamente sobre o avanço e o crescente aumento do uso de tecnologias médicas e as suas implicações na construção de subjetividades humanas.	Após as discussões tecidas, percebe-se que as tecnologias biomédicas, o ambiente, cultura e economia têm contribuído para a produção de novas subjetividades humanas.
“A Tarja Preta da Medicalização”: reflexões para a clínica psicológica	SILVA; BARRETO, 2019.	Revisão bibliográfica	Discutir o fenômeno da medicalização na clínica psicológica.	Na pesquisa realizada constatou-se uma busca, pelos pacientes, em encontrar alívio instantâneo para seus sintomas e seus sofrimentos através do uso de medicamentos. As psicólogas entrevistadas sinalizaram também uma banalização da prescrição medicamentosa, contudo não desconsideraram sua importância em muitos casos.

Fonte: BURKHARDT, 2021.

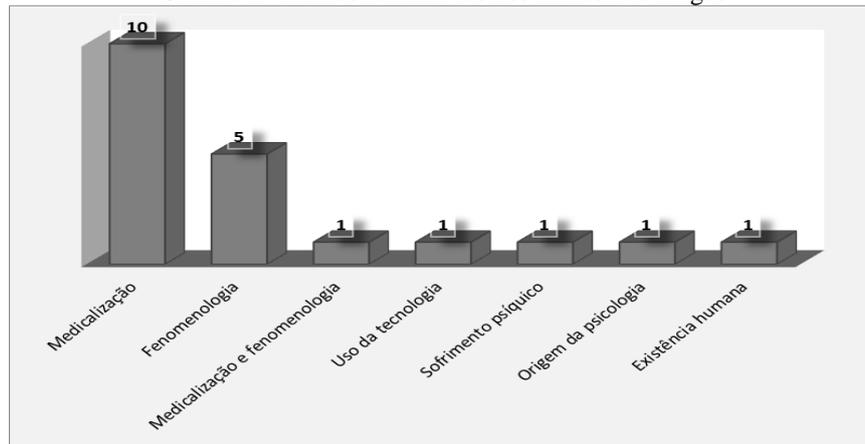
Dentre os 20 artigos selecionados no corpus de análise, foi observado através dos títulos encontrados, os principais termos, sobre a medicalização foram 10 trabalhos ao todo, esses pesquisados e divulgados nos anos de: 2015, 2017 (3), 2018 (2), 2019, 2020 (2) e 2021.

Em segundo lugar vem o termo que mais aparece que é sobre a fenomenologia. Nos respectivos anos: 2009, 2013, 2015, 2020 (2). Somando um total de cinco trabalhos. Em um único trabalho aparece os dois termos juntos “medicalização e fenomenologia”

que foi o trabalho do ano de 2018 intitulado “A medicalização da existência segundo a fenomenologia de Merleau-Ponty”.

Outros termos que aparecem ainda nos títulos desses trabalhos foram mais subjetivos relacionados ao “uso da tecnologia” com apenas um estudo no ano de 2020, “sofrimento psíquico” no ano de 2019, sobre a “origem da psicologia” no ano de 2016, e a “existência humana” no ano de 2017.

Gráfico 1- Termos localizados nos títulos dos artigos

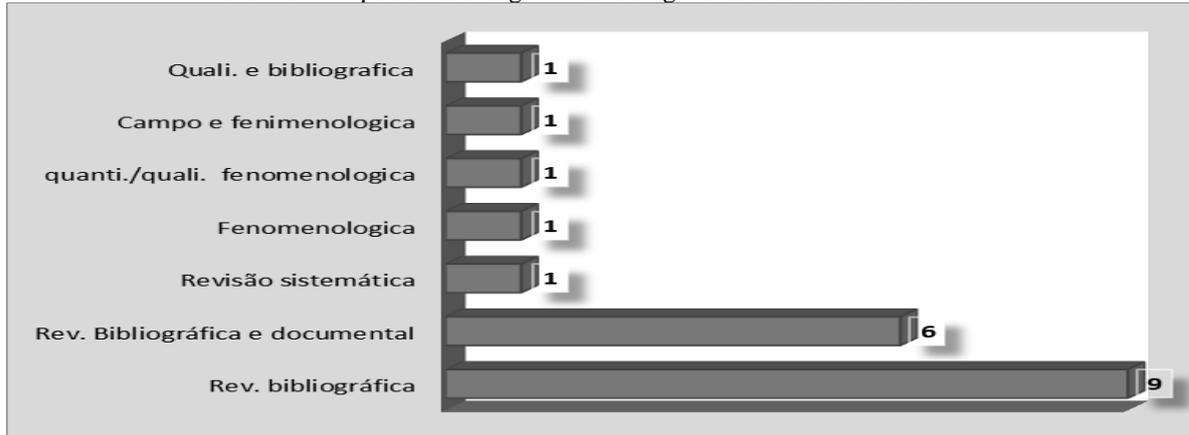


Fonte: BURKHARDT, 2021.

Em relação aos anos de produção dos artigos, observou-se que dos vinte trabalhos que compôs o objeto de pesquisa, houve uma produção crescente nas publicações. Na relação ano/número de artigos, o primeiro trabalho foi localizado no ano de 2009 (1), o segundo veio quatro anos depois no ano de 2013 (1), seguidos pelos anos de 2015 (2), 2016 (1), 2017 (5), 2018 (2), 2019(2), 2020 (5), 2021(1). Observou-se que a discussão sobre o tema vem crescendo na atualidade, sendo 15 publicações das 20 selecionadas para essa pesquisa, dos últimos cinco anos (2017 a 2021).

Sobre os métodos utilizados nos vinte trabalhos que compôs o objeto de pesquisa, observou-se conforme apresentado no gráfico 2 (pág. 19), que nove dos vinte trabalhos foram de revisão bibliográfica, seis de revisão bibliográfica e documental, uma revisão sistemática, uma abordagem fenomenológica, um estudo de campo e fenomenológica, um de abordagem quantitativa/qualitativa e fenomenológica e uma qualitativa e fenomenológica.

Gráfico 2- Tipos de abordagem metodológicas usadas nos estudos:



Fonte: BURKHARDT, 2021.

Observam-se que são escassas as pesquisas de campo que retratem diretamente o assunto proposto, sendo a revisão da literatura a principal forma de análise de dados, o que sugere estudos futuros usando outras técnicas de pesquisa, para aprofundamento do tema.

Como evidenciado por Ferreira (2017), a medicalização é um fenômeno complexo, que ocorre há mais de duzentos anos, e que sofreu transformações durante esse período, até chegar ao cenário atual de vulgarização do consumo de medicamentos. Esse fenômeno está inserido no contexto de uma sociedade capitalista, responsável por permitir que a medicação possa atuar como uma ferramenta do biopoder, no controle e na normatização dos indivíduos.

Nessa ótica, o sintoma seria então um “ser aí”, um ser no mundo aqui e agora, que se determina pela experiência vivida individualmente, entendendo que o organismo humano se adapta tanto a condições externas, como a condições internas, psicologicamente de ordem subjetiva. Para Heidegger a essência do homem se encontra no seu modo de ser em si. Para ele a essência é o próprio ser, e o que esse ser faz, tem significado no momento em que acontece, por isso sua essência se encontra em sua existência (SILVA; BARRETO, 2019).

Assim entende-se que em qualquer diagnóstico, há sempre uma visão de mundo. Para Perls (1997), a capacidade do homem se autorregular seria algo natural e inerente a sua existência, que promove um equilíbrio em todo seu organismo. Por isso a necessidade da relação contato/fuga com o meio ser necessário. Para Diagnosticar-se uma psicopatologia, seria então necessário caminhar e conhecer a pessoa, sua existência, sua relação com o mundo, práticas essas inerentes do profissional da psicologia e não apenas de uma psiquiatria. de visão fenomenológica. (PERLS 1997; GALLI 2009).

Partindo dessa visão, e focando diretamente na psicopatologia, conforme Bloc (2015), a depressão, sendo uma das maiores demandas acolhidas por psiquiatras e psicólogos, seria então um exemplo da “Fenomenologia do corpo vivido”. Esta consistiria em uma “experiência psiquiátrica autêntica”, sendo este um adoecimento dotado de sentido e não somente de sintomas descritos e enquadrados em um diagnóstico. Para Husserl, Heidegger, Merleau Ponty e Sartre a psicopatologia fenomenológica, independente das diversas correntes representadas, vai focar e enfatizar sempre na compreensão do vivido. “Apontam o tempo, o corpo, o espaço e a relação com o outro como condições de possibilidade do vivido depressivo”. (BLOC 2015).

Para a psicopatologia na visão fenomenológica, sintoma psicológico e psicossomático descortinam necessidades que a pessoa não tem mais como ignorar em sua existência, provocando um adoecimento psicofísico, percebido como um só organismo, Em sentido oposto opera o “processo da medicalização” que objetiva esconder, ocultar esses sintomas da pessoa, anestesiando um corpo que fala pelas emoções, um corpo que grita as origens do sofrimento, um corpo que deve ser percebido como expressão fenomenal. Tal achado está presente em vários estudos, entre eles o de Santos (2018).

Brito e Silva (2019), Silva e Barreto (2019), Ferreira (2017), Silva (2017), nos apontam para um resultado importante, que seria o crescimento do processo de medicalização, isto devido a tendência imediatista da sociedade na atualidade, que cada vez mais busca obter tudo de forma rápida e imediata, a qualquer custo, inclusive a cura para o sofrimento, tratando como doença os problemas existenciais, naturais da vida humana.

Tornou-se uma característica cultural e danosa da sociedade, gerando perdas em várias áreas da vida de uma pessoa e não só a da saúde. Pessoas que não desenvolvem capacidades, habilidades e competências para lidar com a angústia existencial, com as perdas, a tristeza, e tantas situações, sentimentos e emoções que todo ser humano vivência ao longo da vida e não tem como evitar. Assim termina que busca solução rápida, de resultados imediatos, que contribuem para uma busca maciça e consumo abusivo de psicofármacos, ainda com o reforço e a influência da indústria farmacêutica que investe fortemente para a permanência e o crescimento desse processo e dessa cultura alienante. Compreender a dor e o sofrimento como algo que não faz parte da vida, é perder completamente a capacidade de existir, de ser no mundo, de dar sentido a sua própria existência, que por si só, já é um processo de adoecimento (VERGÍLIO; RIBEIRO, 2020).

Silva e Barreto, 2019 comprovam tais construtos de forma quantitativa, as autoras revelam o absurdo de consumo de psicotrópicos de acordo com os dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em 2011, que no ano de 2010 registra a venda de aproximadamente 10 milhões de caixas de um medicamento de princípio ativo chamado Clonazepam, sendo ele o mais vendido, seguido pelo Bromazepan em torno de 4,4 milhões e o Alprazolam com 4,3 milhões de caixas vendidas.

Outro dado alarmante, que atinge de forma violenta crianças e adolescentes, são os psicoestimulantes, que no caso da Ritalina®, o mais vendido, registrou 58.719 caixas em outubro/ 2009 e 108.609 caixas em outubro/ 2013, ou seja, em 4 anos aumentou mais de 180% suas vendas, um fenômeno de ordem social, financeiro e político, a partir de um processo patologizante do desenvolvimento humano com reverberações maciças no presente e no futuro da vida dessas pessoas (usuários e familiares) (SILVA; RODRIGUES; MELLO, 2018).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária, também é um órgão fiscalizador das medicações de uso controlado, entre elas estão os psicofármacos, mas apesar do rigoroso controle exercido pela mesma, é identificado nos estudos de forma crescente, o fenômeno da automedicação, prática de graves consequências a saúde mental, comprovando que existe um acesso fácil a esse tipo de medicação sem que passe pela orientação médica, burlando de forma irresponsável essa necessidade, com o objetivo de resolver de forma rápida o sofrimento emocional. A indústria Farmacêutica se revela extremamente sedutora ao usuário, porque promove o entendimento de que essas drogas são capazes de trazer cura ao seu sofrimento, apenas com um investimento de ordem financeira. (BRITO e SILVA 2019).

Diante dos resultados encontrados nesta pesquisa científica, entende-se que se faz necessário na atualidade a promoção de uma nova prática frente aos desafios encontrados quanto ao tema, de forma a acolher adequadamente o sofrimento humano. Buscando compreender a pessoa com uma existência singular, de diferentes sentidos, que vive em constante movimento e mudança, exigindo da clínica psicológica portar-se de modo a fazer resistência a esse fenômeno da patologização e processo crescente da medicalização, sem qualquer intenção de se colocar contra a psiquiatria, ou não reconhecer a sua necessidade interventiva através do uso dos psicofármacos, a proposta é que esses saberes sejam ressignificados e se aproximem da realidade da existência do humano, e que se distanciem cada vez mais da rigidez diagnóstica e do processo de medicalização. (SILVA E. 2017).

## **5 CONCLUSÃO**

A partir dos resultados, pode-se concluir que há na literatura científica reverberações significativas que respondem a questão norteadora dessa pesquisa, considerando que as evidências apresentadas quanto à visão fenomenológica da psicopatologia e a medicalização da existência, representam conhecimentos estruturantes a um novo saber acerca do sofrimento humano e a relação com a existência, em prol de um olhar ressignificado.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOV, Marques; DIMITRI, Mourão Júnior; Carlos Alberto. A psiquiatria enquanto ciência: sobre que bases epistemológicas sua prática se sustenta? **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, outubro-diciembre, Maringá, 2016.

ARAÚJO, Ariana Maria Leite. O diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial. **Revista IGT na Rede**, v.7, n. 13, 2010. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Uso de Medicamentos e Medicalização da Vida: recomendações e estratégias. Brasília: Ministério da Saúde 2019.

BARROS, M.B.A., *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, 29(4):e2020427, 2020.

BALAYSSAC, D. *et al.* Use of Psychotropic Medications and Illegal Drugs, and Related Consequences Among French Pharmacy Students – SCEP Study: A Nationwide Cross-Sectional Study. **Frontiers in Pharmacology**, v. 9, p.1-12, 2018.

BEZERRA I. C. *et al.* "Fui lá no posto e o doutor me mandou foi pra cá": processo de medicamentação e (des)caminhos para o cuidado em saúde mental na Atenção Primária. **Interface**, Botucatu. 2014.

BLOC. Lucas. *et al.* Fenomenologia do corpo vivido na depressão. **Psicologia Social Comunitária e Saúde Mental • Estud. psicol.** v. 20, n. 4 • Oct-Dec, Natal, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/SH6DkGnCYvL9XTCrN3QVGKL/?lang=pt>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

BRITO, Raquel Cristina da Costa; SILVA, Jeann Bruno Ferreira da. O imediatismo frente ao sofrimento psíquico. **Revista Amazônia Science & Health**, v. 7, n. 4, 2019. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3064/1554>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

CONRAD, Peter. (2007). *The medicalization of society: On the transformation of human conditions into treatable disorders*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.

CORDIOLI, A. V. **Psicofármacos nos transtornos mentais**. Consulta rápida, 5ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CRUZ, R. M., *et al.* COVID-19: Emergência e Impactos na Saúde e no Trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 2, abr-jun. 2020, I-III.

DONZELLI, T. **O gestaltismo ensaio sobre uma filosofia da forma**. Rio de Janeiro: Editora Antares, 1980.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30 n. 4, p. 441-447, 2014.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica psicológica em uma inspiração fenomenológica – hermenêutica. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 12, n. 3, p. 973-986, Rio de Janeiro, 2012.

FRANCES, A. **Fundamentos do diagnóstico psiquiátrico: respondendo às mudanças do DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

FERREIRA, E. *et al.* Satisfação dos Idosos em relação ao Serviço Público de Saúde: uma revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, p. e196963502-e196963502, 2020.

FONTANA, Antonio Matos. **Manual de clínica em psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora Atheneu; 2005.

HENRIQUES, Rogério Paes. A medicalização da Existência e o Descentramento do sujeito na atualidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. XII n. 3-4, p. 793. Set/dez. Fortaleza, 2012.

HOLANDA, Adriano F. Psicoterapia e Brasilidade: **Gênese e histórico da psicopatologia fenomenológica**. p. 115-160, Brasília: Editora Cortez, 2011.

ILLICH, Ivan. **A Expropriação da Saúde: nemesi da Medicina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

KARWOWSKI, Silverio Lucio. Por um entendimento do que se chama psicopatologia fenomenológica. **Rev. Abordagem Gestalt**, v. 21, n. 1, p. 62-73. 2015..

LEMONS, Flávia Cristina Silveira. Resistências frente à medicalização da existência. *Fractal, Rev. Psicol.* V. 31, n. 2, May-Aug, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NZsRGYCTjP5JxYDWGYHDzkt/?lang=pt>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

MADRUGA, C. S.; PAIM, T. L.; PALHARES, H.N.; MIGUEL, A. C.; MASSARO, L. T. S.; CAETANO, R., et al. **Prevalence of and pathways to benzodiazepine use in Brazil: the role of depression, sleep, and sedentary lifestyle**. **Braz J Psychiatry**, 2019; 41:44-50.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos A Wittgenstein**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Le monde sensible et le monde de l'expression: Cours au Collège de France, notes, 1953** Genève: Metispresses, 2011.

OPALEYE, E. S. *et al.* Nonprescribed use of tranquilizers and use of other drugs among Brazilian students. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 36, p. 16–23. 2014.

- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE- OPAS. Brasília (DF); 2018.
- PHILLIPS, J., Prescription drug abuse: Problem, policies, and implications. **Nursing outlook**, v. 61, n. 2, p. 78-84. 2013.
- ROMERO, E. **O Inquilino do Imaginário: Formas de Alienação e Psicopatologia**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.
- SADOCK, B.J.; SADOCK, V.A.; SUSSMAN, N. **Manual de Farmacologia Psiquiátrica de Kaplan & Sadock**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- SILVA, S. S. da. *et al.* **A fenomenologia existencial e a psicopatologia: tecendo os fios dessa relação**. 2013.
- SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. Sofrimento humano e medicalização: considerações para a clínica psicológica. **Rev. Psicologia Argumento**; v. 35, n. 88, p. 82-97, jan./abr. 2017.
- SILVA, Ellen Fernanda Gomes da; BARRETO, Carmem. A tarja preta da medicalização: reflexões para a clínica psicológica. **Rev. NUFEN**, v. 11, n. 1, p. 86-101. 2019.
- SOUZA, Marcela Tavares de.; SILVA, Michelly Dias da.; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: O que é e como fazer**. Einstein 2010.
- SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010.
- TENÓRIO, Carlene Maria Dias. A psicologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica-existencial. **Revista Universitas Ciências da Saúde**, v. 1, n. 1, p. 31-44. 2003.
- WARNER, M. *et al.* Drugs most frequently involved in drug overdose deaths: United States, 2010-2014. National vital statistics reports: from the Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Health Statistics. **National Vital Statistics System**, v. 65, n. 10, p. 1-15. 2016.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Medication Safety in High-risk situations- Technical reports**. Geneva: WHO; 2020.
- ZORZANELLI, Rafael Teixeira; ORTEGA, Francisco; BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, pp. 1859-1868, 2014.